

● *ARARIPE* é destinado a sustentar as ideias livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pela fiel observância da Lei, e interesses locais. A redação so é responsável pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legalisados.



O preço da assignatura é  
Por um anno 4\$000  
Por 6 meses somente 3\$000  
O jornal sairá todos os sabbados.  
Os assignantes terão gratis oito linhas por mez, as mais serão pagas a 60 reis cada uma.

SABBADO 10 DE NOVEMBRO DE 1855. RUA DA MATRIZ.  
TYPOGRAPHIA DE MONTE & COMP.

### OS JUIZES MUNICIPAES.

Tenho o Sr. Villela, quando na presidencia desta provincia, feito as nomeações dos substitutos dos juizes municipaes de quasi toda ella; o Sr. Motta, que lhe succedeo, para dar uma satisfação aos seus amigos politicos, que se alarmavao de terem sido preteridos, e que ligando-lhes o maior interesse fazião disto uma questão de vida e morte, enxergou nella um quer que seja de nullidade, e fingin-lo-se embaraçado sub-netteo ao governo uma consulta a seu respeito.

Não podemos perdoar a esse presidente, que tão distincto se tornou em tantas outras cousas, ter-se assim a mesquinhado. A cousa não valia apenas tal sacrificio de sua inteirisa, nem ao partido saquarema essa lide. Era uma questão, que realmente não existia, o espirito da Lei foi sophismado, e as nomeações substadas a pretexto de que o Sr. Villela as havia feito antes, que o quadriennio expirasse. Com isto nada aproveitou o serviço publico, nem o partido saquarema; somente resultou embaraço nos foros da provincia.

Ja lá vão dous annos, e a resposta a tal consulta não voltou! E o desarranjo judiciario continuará assim até expirar o quadriênio? Parece que em um pais regularmente constituido seria escandaloso um tal precedente.

Vejamos, si o Sr. Paes Barreto procura solver este problema, corta esse nó gordio. Si realmente são nullas, fação-se outras nomeações, se forem válidas, entrem em exercicio os nomeados. Ao publico pouco importará, que sejam estes ou aquellos os substitutos dos juizes municipaes, o que não convirá certamente é que os negocios soffraão a falta de juizes. E' verdade que os veriadores das camaras municipaes vão substituindo-os, e alguns destes felismente preenchem dignamente esse lugar, taes como nesta cidade o Sr. Antonio Luis e Affonço; mas assim succederá em toda parte?

Si pois nossos reclmos podessem ser ouvidos de S. Ex., nós pederiamos ao Sr. Paes Barreto em nome do bem publico fizesse resolver essa questão.

### O LAVRADOR CHRISTÃO.

A familia do lavrador christão acaba de ser augmentada com mais um membro; o pai sollicito es-

pera com impaciencia o dia em que possa levar seu tenro filho á pia baptismal.

Chega enfim esse dia, os padrinhos, convidados, o pai, e a carinhosa ama que em seus braços condus o recém-nascido se põe à caminho para a Freguesia. Das cupulas das frondosas arvores saõdam os passarinhos o rei dos planetas, que faz fugir diante de si as nuvens que o abunbravam, e derrama ondas de luz sobre as veigas onde cresce a succulenta canna ao lado d'odoroso café. Os repiques do sino da Parochia annunciam que vai começar o sacrificio da Missa; a nossa comitiva apressa-se por entrar, e só acham logar junto á porta da Igreja, por que toda ella está cheia de fieis: alli se vê a joelhado o principal agricultor do lugar, que occupára diversos cargos da governança do seu municipio, o miseravel coberto de andrajos, e o escravo que rega o solo com o suor do seu rosto, todos alli são iguaes: por que todos são filhos do mesmo Pai. Concluida a Missa apresenta o nosso lavrador seu filho ao Vigario, e este pronunciando as palavras de Jesus Christo, lava na piscina christã a nodoa que o peccado original imprimira na fronte juvenil. Voltam para casa, e a mãe ainda no leito abraça seu filhinho tão puro como os anjos que rodeam o throno do Altissimo.

Depozera o menino as faixas infantis, e entre mil innocentes f'guedos chegara à idade de sete anno: e como então começa elle a ter noções do bem e do mal, e o negro carvão do vicio pode tismar-lhe a candida alma apressam se seus pais a dar-lhe por guia o homem formado na escola do Evangelho. Prostado aos pés do venerando ancião, cujas cans contrastam com o seu traje, tão immutavel como o Deus a quem serve, confessa ingenuamente as suas faltas, leves sim, porem que se não fossem extirpadas podiam com o volver dos tempos tornarem-se crimes nefandos, e ouve em compensação conselhos cheios de sabedoria: aprende a votar ao seu Creator um culto de gratidão e respeito, acatar de seus pais todas as ordens, sempre tendentes à sua felicidade, bem que algumas vezes lhe pareçam arbitrarías; e preferir as invias veredas da virtude à larga estrada que conduz ao vicio.

Sabindo do confessorario notam-se em seu proceder algumas mudanças: o menino que algumas vezes se mostrava iracundo, é d'então todo branda-

ra; elle que desdenhozo olhava para o misero escravo como pertencendo a uma raça vil e abjecta, que nenhum ponto de contacto tinha com elle distingue-se pela sua affabilidade, pela maneira humana e caridosa com que trata seus servos: cessaram as luctas continuas com seus irmãos, já os contempla como aliados naturaes, que a benfica mão da Providencia collocará seu lado.

Doze annos se hão passado desde o dia em que o menino vira pela primeira vez a luz: está na primavera da vida e é este o tempo marcado para que o adolescente se una ao seu Creator. Uma bella manhã atraves a as campinas esmaltadas por mil flores, cuja fragancia embriaga os sentidos á aquelle que deve nutrir sua alma com o mystico sustento, que a Igreja como mãe desvelada lhe tem proporcionado. Chegando ao Templo deposita o Vigario em sua lingua ainda não maculada pela mentira, o pão dos anjos, em quanto bebe elle o puro sangue meritorio do cordeiro.

Crescem as searas nos campos, os fructos nos pomares: o ar, as aguas do Ceo, tudo concorre para sustentar a vida transitoria do homem. Mas o homem não vive só de pão; e assim como tem corpo, também tem alma, e esta tem fome e sede que lhe são proprias; é á vida de verdade e de amor, e o homem composto d'alma e corpo necessita para ambos não somente da vida temporal, mas também da vida eterna. Em vão procurareis nos systemas dos philosophos, nas religiões de todos os povos, não encontrareis nenhum sustento para o corpo e para alma: estava reservada para a Religião de Jesus Christo resolver esse problema. Tudo está completo graças á Eucharistia e o homem pode exclamar com o Profeta: *Assim como a terra produz a semente, e o jardim seus fructos, assim também fará o Senhor germinar a justiça, e alegria aos olhos das nações*

O menino tornou-se homem: e a Religião que o seguira com terna sollicitude no estado da natureza não o abandonará no da sociedade. Quando o fogo das paixões estiver para inflamar-lhe o peito virá a Confirmação guiar seus passos vacillantes na carreira da vida, semelhante ao bordão em que se arrimava o peregrino que arrastando as farras dos filhos d'Agar ia á sancta cidade de Jerusalem visitar o sepulchro d'Aquelle que para nos resgatar expirou no Gólgatha. O Sacramento da Confirmação tão necessario nos tempos de perseguições, quando todos os christãos deviam estar promptos para derramar o sangue em testemunho da sua fé encerra sublime moral: por que aquelle que tem força para confessar á Deus praticará necessariamente a virtude, pois que o criminoso renega a seu Creator.

Entre as diversas donzellas que costumam reunir-se aos domingos e dias festivos na Igreja Parochial existe uma, cujas graças realçadas por singular virtude fazem sobre o nosso mancebo a mais viva impressão. Communica este a seu pai o seu amor, e o respeitavel velho, a quem os annos e as enfermidades impossibilitam de andar a pé, monta em um cavallo, e dirige-se á situação do seu visinho afim de alcançar para seu filho a mão da donzella que lhe preoccupa a imaginação. Apenas exprimio o seu desejo, que foi este favoravelmente acolhido tanto pela moça como por seus pais, concordam no dia em que deve ter lugar o consorcio. Grande cavalgada, composta dos noivos, e dos convidados, se dirige no dia aprazado para o mo-

desto Templo que lhes serve de Freguezia. Ahi chegando, a virgem coroada de flores e o mancebo trajado com toda a simplicidade, caminham para o altar onde os aguarda o Vigario: então pronuncia este as palavras da benção nupcial. palavras que o mesmo Deus dirigio aos nossos primeiros pais, as quaes enchem o marido de profundo respeito dizendo lhe que acaba de cumprir o acto mais importante da sua vida, e que vai como Adão ser o chefe de uma nova familia, e que deve conhecer todo o peso da importante missão que lhe é confiada. Nem menos instruida é a mulher n'esse momento solenne, a imagem do prazer desaparece a seus olhos ante a do dever. Não é a esposa christã simples mortal, é um ente extraordinario, mysterioso, angelico, é a carne, o sangue do sangue do seu esposo.

Voltam todos na mesma ordem para a habitação do noivo: e um festim campestre em que rema a alegria põe termo á cerimonia. O bom pastor que se acha presente chora de júbilo vendo a felicidade d'esses jovens que elle baptisara, e eleva a sua oração ao throno do Eterno para que seus dias se deslhem na paz e na ventura.

Tal como o ribeiro que brandamente serpeja por entre as flores de um jardim, assim flui a vida do par feliz cujo consorcio acabamos de descrever. Desde que o anjo da manhã abria as portas do dia, até que o sol occultando-se no horisonte ia levar a luz e o calor á outros povos achando se o esposo fora do seu casal dirigindo os seus escravos, ora na colheita do café, ora na plantação da cana, e na da mandioca essa preciosa raiz que para o lavrador brasileiro serve de pão quotidiano. A esposa, sempre occupada nos mysteres domesticos, aguarda com impaciencia pelo esposo, o qual apertando a em seus nervosos braços e saboreando a frugal comida que ella lhe tem preparado, esquece se de suas fadigas para só lembrar-se da sua ventura.

Recolhe se um dia o lavrador mais cedo do que costumava e cahê prostado no leito: devoradora febre lhe escalla o sangue, e oppressa lhe sahe a respiração. A afflicta esposa expede um após outro diversos portadores para irem chamar o medico: o qual vem sem demora. Examina o doente, e receita, assegurando que espera triumphar da molestia; porém ao sahir diz ás pessoas da familia que como o corpo está em perigo será bom que tratem da salvação da alma.

É chamado o Vigario, que apesar da sua avancada idade, já mais se recusa prestar todos os socorros espirituos de que é depositario. Chega, e sentando-se á cabiceira do leito do moribundo pratica com elle sobre a immortalidade da sua alma, e essa scena sublime que a antiguidade apresentou uma só vez na morte do seu principal philosopho, se renova todos os dias sobre o humilde grabato do ultimo christão.

Sou a hora do passamento: um Sacramento lhe abriu as portas da vida, outro Sacramento virá fechá-las: mas d'esta vez não se servirá a Religião d'agua e sim do oleo, emblema da incorruptibilidade celeste. Já lhe parece ouvir os hymnos divinaes que em honra de Jehovah entoam immortaes seraphins em harpas d'ouro. Tranpassou os umbraes da eternidade sem que ninguem lhe ouvisse exhalar um suspiro, e a esposa, os amigos agrupados ao redor do seu leito ainda guardam morao silencio com receio de perturbar-lhe o somno.

Deus, diz o rei Profeta, nos humilha nesse dia d'aflição cobrindo-nos com a sombra da morte. Torna-se o mundo inteiro um altar expiatorio em que são successivamente immolados os homens á eterna duração de Deus. Todos sem excepção consomem esse acto de dependencia, todos desaparecem quando sobre elles pe a a Mão do Eterno. Tudo mostra a instabilidade desta vida, onde o homem corre atrás das sombras. Tudo o que nos cerca revela a justiça do Ceo, e quando queremos edificar neste mundo e fazer uma cidade permanente assemelhamo-nos a esses povos que constroem suas habitações sobre vulcões, e cujo solo tremê de todas as partes.

A dôr mais pungente está debuxada em todos os semblantes, e a inconsolavel viuva baba com copioso pranto os restos inanimados do seu final esposo. Mas é tempo de dar sepultura ao cadaver, e apesar da distancia em que se acha a Igreja Parochial querem todavia os amigos conculsillo em seus hombros, não confiando esse piedoso dever aos animaes, como se pratica nas cidades. Todos os vizinhos com seus brandões funerios fazem parte do acompanhamento, que se augmenta á proporção que se aproxima á Igreja, por que todos os lavradores que vê n'passar o enterro do seu companheiro nos ruraes trabalhos não deixam de se incorporar á elle. Religioso silencio reina na multidão só nente interrompido de tempos á tempos pelo ululato dos escravos, que no senhor lamentam o seu amigo, e o dos pobres que perderam a mão benefica que lhes salvava a chaga cancerosa da miseria.

Merencorios dobram os sinos da Parochia: e com passos leatos penetra o funeral no santuario. O venerando Sacerdote, que em sua terra fronte aspergira as aguas do baptismo, e que o seguira nas diversas phases da vida, vestido de branco no meio do lieto geral, com a figura pallida, e os olhos debalhados em lagrimas, balbucia sobre o feretro do seu joven amigo a mesma oração de que se serve a Igreja sobre os mausoleos dos grandes da terra.

Concluida a cerimonia religiosa e quando a fria lousa ia occultar para sempre o corpo do honrado lavrador aos olhos dos humanos, o Parocho debruçando-se sobre o caixão, exclama:

Ah! meu filho, sempre pensei que vos precedesse no tumulo, sempre esperava que vossas mãos piedosas serrassem minhas palpebras: mas Deus determinou o contrario e a nós só cumpre resignarm'nos, e adorar os seus inscrutaveis decretos. *Ext*

#### A IMPRENSA PERIODICA.

De todos os poderes nascidos da nova organização das sociedades européas, nenhum é mais colossal, mais exorbitante do que aquelle que é concedido a cada um de depôr as suas palavras nos ouvidos do povo. As sociedades modernas tem conferido a todos o poder de ser jornalistas, e aos jornalistas o encargo temivel de ensinar ás nações o que Jesus Christo confiou aos apóstolos. Não quero n'este momento me pronunciar sobre esta instituição, eu me limito a vos fazer notar a sua grandeza: vossa profissão é ao mesmo tempo um sacerdocio civil e uma milicia. O instrumento que vós manejaes pode ser um instrumento de salvação ou de morte. A palavra é mais cortadora que a espada, mais prompta que o raio; mais destrutivo que a guerra. Ministro da palavra social, não esqueçaes nunca que a responsabilidade mais terri-

vel acompanha sempre este temivel ministerio: que a eternidade só tem penas sufficientes para punir aqueles que põe a palavra, este dom divino, ao serviço do erro; da mesma sorte que só a eternidade tem recompensas bastantes para aquellos que consagram a sua palavra e os seus talentos ao serviço de Deus e dos homens. *Valegamias.*

#### A IMPRENSA.

A maravilhosa arte de representar as ideias no papel por meio da imprensa e de as vulgarisar, é mais uma das que a China, Japão, e mesmo a Tartaria conhecem desde tempo immemorial. Já desde o 3.<sup>o</sup> seculo da era christã imprimiam os povos desses mysteriosos paizes livros com caracteres abertos em pão; e no 10.<sup>o</sup> seculo com caracteres moveis. Os Tartaros-Ouigorus, exterminados pelo feroz Tching his kin, deixaram em um grande numero de obras impressas, immensos monumentos de sua rica e bella litteratura. Em 1734 diversos viajantes acharam em differentes cavernas da Siberia livros impressos com caracteres de pão, pertencentes ás tribus mongolicas que emigraram para a America, e de que se formaram diversas nações, como a Atzêa, Zica, Mexicana, &c. Os Chinezes conheciam esta arte desde o 10.<sup>o</sup> seculo; porém só no 15.<sup>o</sup> foi ella descuberta na Europa. Ao principio abricam as letras em uma taboa, e esfregando por cima uma especie de tinta faziam-nas passar para o papel: porém semelhante processo era despendioso e imperfeito. Guttenberg de Mayense, inventou todos os caracteres moveis em 1436, em Strasbourg: logo depois Fast e Scheffer associaram-se aos trabalhos daquelle em Mayense, e partilharam com elle a gloria da descoberta: ao principio foram os caracteres de pão, porém esses illustres typographos começaram a servir-se de caracteres de metal fundido desde 1452. A imprensa foi introduzida em França no reinado de Luis XI, em 1480. Esta arte foi immediatamente levada á um alto grão de perfeição pelos Etienne's, na França: os Manuce's, e Junta's, na Italia; e pelas Elzevirs, na Hollanda.

Vejamos quaes são os principaes processos da typographia:

Para fabricar os caracteres é preciso primeiramente fabricar os punções, pequenos barrotes de aço e em cuja extremidade grava-se uma letra protuberante; estes punções servem para fazer os padrões, pedacinhos de cobre em que se introduz batendo o punção, que nelles deixa gravada a letra que tem na ponta, porém com avia: o mesmo punção serve para fazer uma multidão de padrões. Põem-se um destes padrões em um molde feito de proposito; e deixa-se no molde chumbo derretido com pouco de antimonio em uma colher; quando o metal tiver voltado ao estado de solidez, tira-se do molde uma pequena lamina em cuja ponta achar-se ha gravada em relevo uma letra. Distribuem-se os caracteres por diversos *caixotins*, repartimentos feitos em uma mesa inclinada (como uma carteira) chamada caixa, donde o trabalhador, chamado *compositor*, vai tirando com a mão direita os de que precisa; tendo na esquerda uma peça de ferro, a que chamam *camponedor*, em que vai collocando os caracteres n' juntos aos outros até formar a palavra que se quer.

*Continuar-se-ha.*

### VARIÉDADES

Quando morreo o papa Adriano de Ultercht, cujo candidatura tinha sido imposta ao sacro Collegio por seu discipulo Carlos V, o povo de Roma pregou grinaldas de flores a sua porta com esta inscripção: Ao Libertador da patria.

#### O AMOR.

He o maior tirano das virtudes; os dictames da razão na sua escola são heresias, e os seus primeiros suspiros são do juizo os ultimos alentos. De todo o seu poder nenhum bem se pode esperar; nenhuma luz; por que está sego; nenhuma fazenda, por que anda nú; nenhum concelho, por que é menino; nenhuma firmesa, por que nunca despio as azas; nem tregoa alguma, por que sempre anda armado; nem alivio algum, por que é a goute dos seus sequases, eo verdugo dos seus vassallos

## ANNUNCIOS.

Ignacio Alves Couto, não podendo pessoalmente agradecer as pessoas que nesta cidade, e da Barbalha o obsequiarão durante o tempo que aqui tem estado em usos de remedios, por que inda lutando com sua longa enfermidade, esta o priva de satisfazer aos deveres de gratidão de que é devedor a seus amigos, dos quaes espera desculpa dessa falta unicamente da impossibilidade em que está de pessoalmente o fazer, por isso que serve-se do jornal; e offeresse seus servigos na Villa do Jardim, para onde parte, e d' alli a cidade de Souza.

O abaixo assignato acaba de ser memoziado com hum carneiro de cinco pernas; as pessoas que duvidarão, e as que duvidarem da existencia deste fenomeno, podem se desenganarem com a vista em casa do annunciante. Crato 7 de Novembro de 1855.

Antonio Ferreira Lima Sucupira.



**PEDRO**, cabra es-  
curo, tirando a preto, com pouca barba, estatura mediana, alguma coisa espadado, tendo falta de dentes na frente, grossura regular, olhos alguma coisa vermelhos, nariz um tanto xato, bocca regular, pés curtos e largos, cabellos carapinhados; fugio em dias de julho deste anno, montado em um cavallo de sella, russo pedrês, grande e de muito bons andares, cujo cavallo tem o ferro abaixo com um gis em cima: o escravo era fabrica da fazenda denominada Antas distante desta cidade duas legoas e meia, sendo comprado na fazenda Riachaõ tam bem termo desta cidade, a Manoel da Costa Palmeira, e este a Roque da Costa Alencar, comprando o abaixo assignado dito escravo a aquelle Palmeira: quem capturar dito escravo e arrecadar o cavallo de que acima se trata será generosamente recompensado, pelo abaixo assignado, ou por seu procurador José Pereira de Alencar, morador na serra do Farias, termo da Barbalha da comarca do Crato, que se acha authorisado para fazer as percisas diligencias, e pagar satisfatoriamente aquem fizer a apprehensão recommendada.



Cidade de Oeiras 8 de Ebr<sup>o</sup> de 1855.

Manoel José Soares.

**P** de um cavallo em grad, mellado dos canis, clinas, e cauda preta com uma silva bronca na testa, de ambas as sellas, bonita figura; que furtaraõ em dias de Outubro proximo passado, do sitio S. Theresa termo da Barbalha, pertencente ao abaixo assignado, o qual pagará satisfatoriamente aquem o tomar, e lho entregar em seu sitio Cortê, daquelle mesmo termo. Antonio Pinto da Costa.

Tendo apparecido no Araripe n<sup>o</sup> 15 certo annuncio de Jacinto Pereira Grangeiro, referindo-se a uma lettra assignada pelo annunciante em favor de José da Fonceca Soares e Silva, endocada por elle Grangeiro o annunciate de clara que tendo sido caixeiro do mencionado Fonceca dous annos como é publico nesta cidade e mesmo na Barbalha, onde esteve, este não quis pagar-lhe seus lucros, e acontecendo ter o annunciante abaixo assignado transação com elle Fonceca assignou a lettra mencionada, e tendo pago esta, della resta apenas uma pequena quantia, que procura encontrar com o Sr. Fonceca e tendo-o convidado a liquidar este negocio, este o dexára iliquido, e procurando substituir-se a este encontro tenta passar a outrem esse documento. O abaixo assignado está firme no seu proposito, e por isto novamente a visa ao publico para que não faça negocio com aquelle restante.

Crato 1 de Novembro de 1855.  
Frankim Barbosa Gondim.

ANTONIO PEREIRA GRANGEIRO pretende vender por preço rassavel seu Sitio com engenho de moer canas, 2 casas de telha, de vivenda, caza de engenho e de caldeiras, a viamentos de fazer farinha, terreno bastante productivo com canas, que dão este anno 400 cargas de rapaduras, que sem duvida fará muita conta ao comprador: a tratar em Missão-nova.

Do abaixo assignado fugirão dois es cravos, em Janeiro de 1846, e forão em demanda do Rio S. Francisco, de onde vierão veridicas noticias: os escravos tem os signaes seguintes. Antonio, cabra filho de tapuia com mulato, hade ter a idade de 38 annos, official de carpina, e sapateiro, sabe ajudar missa, e alguma coiza lèr: esse es cravo consta axar se vendido por um velhaco, ao Coronel Ernesto da Rocha Medrado: o outro escravo tam bem se chama Antonio, cabra trigueiro, filho de uma molata com negro, é alto em porções, tem o rosto redondo, meia barba, dentes limados, pernas grossas, ár. devoto, carhoto, e é amigo de contar historias a meninos: Da se 50\$. de gratificação a quem capturar a qual quer desses es cravos, e os entregar a seu legitimo dono, que é o abaixo assignado morador no sitio curraês do termo da cidade do Crato. Curraês 5 de 9br<sup>o</sup> de 1855.

Joaquim Antonio Biserra de Menezes.

Hè chegado ultimamente nos estabelecimentos dos abaixo assignados=Nesta Cidade, um completo sortimento de fazendas e molhados tudo de muito boa qualidade e por preço commodo=e na Cidade do Ico, ricas obras de ouro, 18 quilates, a saber, meios aparelhos para senhoras, anelões, brincos & tudo de ultimo gosto, e por muito barato preço.

TEIXEIRA PEQUENO & JACOME.

Impresso por Jesuino Briseno da Silva.

CRATO 10 DE 9BR. DE 1855

## A PEDIDO.

Sr. Redactor. Caza 29 de Agosto de 1855.

Si certo é, como diz Gaizout, que a gente sempre cai para onde se inclina, não é d' admirar que eu caia no abismo: o amor essa paixão poderosa que quando ch'ga a maior extremo pode afinar a intelligencia inda mesmo do homem mais rude, pode perturb'ar a razão do homem sabio: por tão forte sentimento vê-se desenvolver o genio sublime de hũ Petrarca de hũ Dirceo e muitos outros fazendo admirar ao mundo com seos ternos e milindrosos cantos; vê se a imagem de uã Fornarina chegar a posteridade, ornando os salões dos Principes e os mesmos templos do Senhor. Que! será hã blasfemia? Não, na mente de Rafael só existia aquelle semblante, aquelle typo de belesa; por isso o insigne Pintor indo delinear a figura de hã Santa era Fornarina que pintava: embriagados assim taes homens pela força magnetica do amor, desse agente motor de poucas bens, muitos males, fi'erão mais ( talvez ) do que senão amassem. Por c' n'eguinte Sr Redactor não é de espantar que hũ pobre camponez, sentindo a mesma paixão ( inda que falto de capacidade para obrar como aquelles ) gerasse em sua mente alguã cousa e que por atrevido dê a l'us: por isso rogo a V. m. Sr. Redactor, queira enserir em seo precioso jornal primeiro claraõ que appareceo neste t'nebrozo certaõ, estes toscos versos que junto achou.

Satisf'ço hũm desejo, e não por que espere que o meo filho me dê gloria; mas como é filho sempre o amo, ou feio, ou bonito, seja bom ou máo recomendo-o a V. m., entrego-o a sua benevolencia, guie os seos passos, corregindo-o em suas açõ'es. Coitado! filho das selvas, nada sabe como se viverá por esse mundo de meo Deos?! Com tudo se'a primeira vista V. m. aborrecel o por causa de sua feia catadura, por suas rudes expreções ou finalmente por que suas vestes se achão sujas do pó de nossas matas, f'ga ainda o que lhe dig'os; metta-o nas chamas para ver se o purifica tal ves tenha a natureza do a'cauho que no fogo se alimpa e n'õ será sem proveito esta experiencia. De tudo lhe será obrigado o De V. m. attencioso venerador e criado.

Hum Araripano.

Infelis sem l'itivo

Foge tímida a esperanza

E me affige c'a lembrança

Mais activo o meo pesar,

1.ª parte. Alvarenga.

Eu amei sem ver a causa

Que gerava meo ardór

Só por trad'ç'õ sabia

Noticias do meo amor.

Quis a sorte, ou o destino

Apressar mais seo rigór

Facultou-me os facis meos

De chegar ver meo amor.

Subio de ponto o affecto  
De meos males causad'õr  
Fazendo-me a vida amargura  
Aumentando minha d'õr.

Ensaciavel cubissa  
O. de Tirce ou de hum Ment'õr  
Desprezou não deo apreço  
As chamas do meo amór.  
Viva Tirce satis-feita  
Seo semblante encantador  
He cauza do meo tormento  
Meos suspiros minha d'õr.

Sem a doce illusã não presta a vida.

2.ª parte. Martins Francisco.

Fallou-me amor das caricias  
Que só Tirce bem fazia  
Afira mais seos encantos  
Que as outras bellas excedia.

Pintou-me com finas cores  
Os seos dotes naturaes  
Suas graças e seos mimos  
As delicias dos mortaes.

Declarou-me ser ditozo  
Queim amasse a Tirce bella  
Que deixasse vaõs riceios  
Que amasse só a ella.

Dispus-me assim ao fazer  
Dei a amor toda attençaõ  
Disse a Tirce que lho dava  
Meo amor, meo coração.

Mais não fui correspondido  
Na minha ardente paixão  
Disprezou Tirce meos ais  
Suspiros de coração.

Ja que agora enoculado  
S'ia o veneno no meo peito  
Pará sempre o seo estrago  
O cruel e duro effeito.

Mal haja amor que foi cauza  
D' eu viver nesta agonia  
Mal haja o monstro cruel  
Que roubou minha alegria.

Se compraz amor somente  
De suspiros, ais e dores  
Seduzindo a quantos virem  
Fazendo de ter amores.

Por isso talvez que amor  
Me vingue da bella Tirce  
Arnando-lhe uã cilada  
Sò por gosto de sorrir-se.

Cego! . . . julgaei me de Tirce aceito  
Ja frua os seos affectos  
Cuidei ter saciado  
Meos desejos predilectos.

Porem nada foi rial  
Era sonho ou fantazia  
Só foi rial o desprezo  
Que de Tirce recebi.

Mal haja amor que foi cauza  
D' eu viver nesta agonia

ILEGIVEL

Mal haja o monstro cruel  
Que roubou minha alegria.  
Viva Tirce baptisfeita  
Fazendo-me disgaçado  
Não quis em troca me dar  
O título de ser amado.  
Não quis ser dono d' hũ Throno  
Erguido em meo coração  
Não quis ser dono d' hũ Sceptro  
Que auctor lãe e-tendia a mão.  
Vá-se amor longe de mim  
Rique Tirce no seo posto  
Contente de triumphar  
Por me vencer o seo rosto.  
Sé Tirce felis ditosa!  
Te desejo todo o bem  
Viva eu só padecendo  
Por causa do teu desdorm.  
Mal haja amor que foi causa  
D' eu viver nesta agonia,  
Mal haja o monstro cruel  
Que roubou minha alegria.  
3.<sup>a</sup> parte.  
A! Não me sei se Tirce  
He ingrata ao meo amor  
He, tal ves, huma não cruel  
Que motiva a minha dôr.  
Este arco no, esta insertesa  
Alenta a minha paixão  
Esta lava abrasaboura  
D' amor horrendo vulcão.  
Se acaso é Tirce a ingrata,  
Se me fas cruel desdem  
Exulte de ser cruel  
Em quanto os males não vem.  
Inda consinto te ame  
O cançado coração  
Amor firme não se acaba  
Com recente ingratidão.  
Ignora Tirce o quanto  
Tem me feito padecer  
Nem mais um a lhe derijo  
Nãe lhe faço conhecer.  
Mal haja amor que foi causa  
D' eu viver nesta agonia  
Mal haja o monstro cruel  
Que roubou minha alegria.

© Araripano.

A PEDIDO, DO SR. RAIMUNDO ANTONIO PEREIRA.  
PROPOSTA.

- 1.<sup>o</sup> Os rios que provém de nascentes em terrenos particulares, não sendo navegaveis, pertencem ao dominio particular?
- 2.<sup>o</sup> Se pertencem ao dominio particular, poderá o proprietario do terreno onde está a nascente fazer da agua o uso que lhe parecer, empregando a toda, e mesmo consumindo a (se possivel for) na sua lavoura e machinismo?
- 3.<sup>o</sup> Os proprietarios dos terrenos inferiores, por onde as aguas fiserem o seo fluxo natural, tem algum dominio nella, em relação ao proprietario do terreno superior, onde está a nascente, só pelo simples facto de serem seos terrenos banhados com essas aguas?
- 4.<sup>o</sup> O que é preciso em direito para que os pro-

prietarios dos terrenos inferiores tenham o dominio, ou a menos posse manutivel nas aguas?

5.<sup>o</sup> Não havendo esse dominio, ou posse manutivel, poderá o proprietario da nascente (se assim lhe for conveniente) mudar o leito natural das aguas, dar-lhes uma direção diverça, uma vez que as águas não ceitar os donos dos terrenos por onde ellas fiserem seo novo curso?

RESPONDEM.

Ao 1.<sup>o</sup> quesito. As nascentes d' agua ou rios particulares, isto é, que não são navegaveis, nem vão formar rios navegaveis (Ord. lv. 2.<sup>o</sup> § 8.<sup>o</sup>) nada differem das outras cousas particulares Alim. e Souz; Aguas, § e por conseguinte pertencem ao dono ou donos do terreno onde nascem, e por onde correm (Cod. Civ. da França art. 941.): pois que a propriedade do predio comprehende a propriedade de tudo o que existe na superficie do mesmo predio. (Toullier. Dir. Civ. Franc; liv. 2.<sup>o</sup> titulo 2.<sup>o</sup>, § 2.<sup>o</sup> n. 131)

Ao 2.<sup>o</sup> O proprietario do predio onde está a nascente d' agua pode fazer o uso desta que lhe aprovez, e quanto corre no seo terreno, contanto que não agrave a servidão dos predios inferiores, para os quaes tenhaõ de correr as aguas de pois desse uso; e por conseguinte podem nesse uso licito consumilas todas, por que é direito seo, salvo o que se vai responder.

Ao 3.<sup>o</sup> Os proprietarios dos terrenos inferiores; isto é, dos terrenos para os quaes agua corre naturalmente só podem adquirir o dominio d' ellas por algum contrato com o dono do terreno onde está a nascente, ou pelo uso não interrompido pelo tempo necessario para a prescriçãõ, depois de ter feio obras apparentes destinadas a algum uso particular, ou a facilitar esse uso. Cod. civ. da França art. 641 e 642; citado Toullier, n. 136.

Ao 4.<sup>o</sup> Já esta respondido com o que se disse em resposta ao 3.<sup>o</sup>.

Ao 5.<sup>o</sup> Parece-me que o proprietario do terreno onde está a nascente pode fazer o uso della que quizer em vertude de seo direito de propriedade; mas esse uso deverá ser razoavel e nunca em prejuizo da agricultura. Portanto, e com esta limitação (que me parece admissivel e justa) poderá o proprietario da nascente dar a esta direção diversa da que tinha antes, se os proprietarios dos terrenos da nova direção lh'o permittem, e se os dos terrenos inferiores não tenhaõ adquirido direito de propriedade ou posse, na forma que se disse ao 3.<sup>o</sup>.

Rio de Janeiro 18 de Janeiro de 1853.

Caetano Alberto Soares.

Seguem-se mais 14 iguaes respostas.

PROVERBIOS.

- Juiz piedoso fez o povo cruel.  
No jogo se perde o amigo, e se ganha o inimigo.  
Amor, dinheiro, e cuidado, não está dissimulado.  
Prata é o bom lallar, oiro é o bom calar.  
Tres cousas destroem ao homem: muito fallar, e pouco saber, muito gatar, e pouco ter; muito prezumar, e pouco valer.  
Ao velho recém casado, resar-lhe por finado.  
Quem com mau visinho hade visinhar, com um olho ha de dormir, e com o outro rigrar.

Imp. por J B da S.